

O PAPAGAIO DO PIRATA: TRÁFICO DE ANIMAIS NA AMÉRICA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI

Ricardo Antonio Esteves dos Santos (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Christian Fausto Moraes dos Santos (Orientador), Anelisa Mota Gregoleti (Coorientadora), e-mail: ra135042@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

70500002 HISTÓRIA
70506000 HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Palavras-chave: Contrabando de animais, América Portuguesa, Brasil século XVI

RESUMO

O objetivo deste projeto de pesquisa é investigar e analisar o tráfico de animais durante o período de colonização da América Portuguesa. Para isso, foram utilizados como fontes documentais os relatos e descrições da natureza presentes nas obras produzidas na América Portuguesa do século XVI. Dessa forma, pretende-se não apenas compilar e catalogar essas fontes documentais, mas também compreender o contexto histórico que deu origem a essa prática no Brasil

INTRODUÇÃO

Desde há muitos séculos o homem se mune com sistemas de observação, descrição e representação que se acomodam sempre às necessidades ambientais e culturais que compõem seu meio e maneira de ver as plantas e os animais. Afinal, como saber qual animal era mais rentável nas ruas das Metrôpoles europeias? O Brasil situa-se entre os principais países do mundo onde ocorrem a comercialização e a exportação de espécies da sua fauna e flora de forma ilegal. O comércio ilegal de animais não é coisa exclusiva do Brasil e, tampouco, uma novidade. Esta é uma prática antiga, que pode ser definida pela retirada de espécimes de vida livre do seu habitat natural para que possam ser transportados e comercializados para outros países (ACOSTA, 2004; HERNANDEZ, 2002).

No Brasil, podemos rastrear o tráfico de animais silvestres até os primeiros anos de colonização, no século XVI, quando os europeus se encantaram pela diversidade de

espécies, que foram descritas como fantásticas, especialmente pela variedade observada e pelo exotismo das mesmas (TEIXEIRA, PAPAVERO, 2010).

Desde então, o Brasil vem sofrendo com a irracional retirada de espécimes da fauna, como contam os registros deste período. Os relatos dos colonizadores portugueses no território da América indicam o deslumbre, a satisfação por tal “descobrimto” e a ganância da Corte e colonizadores portugueses. A exploração na Costa litorânea brasileira, nos princípios do século XVI, deu início ao que atualmente, órgãos de pesquisa e instituições ambientais denunciam constantemente: a perda gradativa, constante e irreparável da fauna e flora nativos.

REVISÃO DE LITERATURA

Desde as primeiras pinturas rupestres representando animais, que podemos notar a importância de sistemas de observação, descrição e classificação do mundo natural. Fosse por necessidades ambientais e ou culturais que compunham o meio e maneira de ver as plantas e os animais. Afinal, como saber qual pele de animal era mais adequada para suportar uma nevasca, ou que tipo de madeira utilizar para construir um abrigo que durasse toda uma estação chuvosa? Para além destas demandas primordiais à sobrevivência, o ser humano sempre nutriu uma necessidade de controlar ou possuir outros seres vivos. Fossem aquelas espécies domésticas empregadas como força de tração, como os equinos em geral, enquanto reserva proteica, no caso de porcos ou gado, ou nas exóticas e coloridas espécies silvestres que, de algum modo, representassem um símbolo de status e poder, como foi o caso, por exemplo, de papagaios e macacos do Novo Mundo a partir do século XVI.

O Brasil situa-se entre os principais países do mundo onde ocorrem a comercialização e a exportação de espécies da sua fauna e flora silvestre de forma ilegal. O tráfico de animais não é uma realidade exclusivamente brasileira e, tampouco, uma novidade. Esta é uma prática antiga, que pode ser definida pela retirada de espécimes de vida livre do seu habitat natural para que possam ser transportados e comercializados para outros países (ACOSTA, 2004; HERNANDEZ, 2002).

O tráfico intenso de animais silvestres tem início com a era Moderna, quando os exploradores europeus se encantam pela diversidade de espécies encontradas nos diversos e ricos ecossistemas do Novo Mundo. De fato, muitas espécies eram descritas como fantásticas, especialmente pela variedade e exotismo das mesmas (TEIXEIRA, PAPAVERO, 2010).

Desde o século XVI, o território brasileiro vem sofrendo com a captura e tráfico desenfreados de inúmeras espécies de sua fauna nativa. A maior ameaça à

biodiversidade animal é mesmo a ação humana. Na maioria das vezes é feito de forma predatória, sem conhecimentos de educação ambiental, sempre se partindo da perspectiva de que tudo na natureza é inesgotável, ou até mesmo por questões financeiras próprias sem se preocupar questões ambientais (ACOSTA, 2004; GONÇALVES, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após analisar e catalogar os animais que foram transportados nas naus, citados pelos europeus que estiveram presente no território da América portuguesa do século XVI, se faz necessário contextualizar o conceito de caça e comércio que havia no pensamento do homem europeu do período Moderno. De forma intrínseca, caça e cobiça resultaram na diminuição das espécies capturadas e, quando muito intensa, levada à extinção. Importante analisar que, quando uma determinada espécie é retirada em larga escala de seu ambiente natural, há um desequilíbrio ecológico, pois nenhum ser vivo vive isolado, todos fazem parte de uma comunidade, onde a existência dessas espécies depende de requisitos do habitat (HERNANDEZ, 2002). Os relatos dos colonizadores portugueses no território da América indicam o deslumbre, a satisfação por tal “descobrimto” e a ganância pela fauna silvestre. A exploração na Costa litorânea da América portuguesa, nos princípios do século XVI deu início à um fenômeno de longa duração e que ainda permanece enquanto um problema a ser entendido e confrontado: a depredação da fauna e flora brasileiros.

CONCLUSÕES

Analisar quais os primeiros animais foram transportados da América portuguesa até a Europa, é traçar um panorama ecológico, mercantil e cultural. A retirada de animais de seus ecossistemas naturais, de forma indiscriminada pelo comércio ilegal, tanto para o tráfico para outros países, quanto para manutenção em cativeiro no próprio território brasileiro, é um dos principais problemas ambientais atualmente a ser combatido de forma emergencial pelos órgãos de proteção à fauna e à biodiversidade (TEIXEIRA, PAPAVERO, 2010). É preciso conscientizar a sociedade a respeito dos riscos causados pela extinção dos animais. Um desses riscos é o reaparecimento de pragas que são controladas naturalmente e podem ressurgir. A saúde humana é também comprometida pelo tráfico de animais, pois muitos destes transmitem doenças ao homem e podem ser letais se não forem tratadas adequadamente (GONÇALVES, 2009).

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), à Fundação Araucária (FA) e à Universidade Estadual de Maringá (UEM) pelo apoio e financiamento oferecidos através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). A colaboração e orientação do Professor Doutor Christian Fausto Moraes dos Santos e da Doutora Anelisa Mota Gregoleti que foram fundamentais para o desenvolvimento desde projeto.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Raul Gonzáles. **O tráfico internacional de animais silvestres.** *In: O Brasil no Combate ao Tráfico de Animais Silvestres.* Brasília, DF: Ministério das Relações Exteriores, 2004.

GONÇALVES, Antonio Baptista. **Biopirataria: novos rumos e velhos problemas.** *Direitos culturais*, vol. 4, n. 6, Santo Ângelo, RS: 2009.

HERNANDEZ, Erika Fernanda Tangerino. **Das redes e do tráfico de animais.** *Geografia*, vol. 11, n.2, jul/dez. 2002. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina.

TEIXEIRA, Dante Martins; PAPAVERO, Nelson. **O tráfico de primatas brasileiros nos séculos XVI e XVII.** *In: Mamíferos de restingas e Manguezais do Brasil.* Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Mastozoologia/Museu Nacional, 2010.